



Diversity in education: first approximations about gender, body and sexuality

Diversidade na educação: primeiras aproximações sobre gênero, corpo e sexualidade

Diversidad em la educación: primeras aproximaciones sobre género, cuerpo y sexualidad

Anselmo Lima de Oliveira¹ , Alfrancio Dias Ferreira¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Anselmo Lima de Oliveira

E-mail: flavia.cacho@hotmail.com

Como citar: Oliveira, A. L., & Dias, A. F. (2022). Diversity in education: first approximations about gender, body and sexuality. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 3(1), e13625. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks3113625>

ABSTRACT

They say the world is full of diversity. Looking sideways, it is possible to see that he is not one, and that diversity is part of our daily lives. When feeling flood, we exhaust; when we try to move, we get cold; what insults us becomes atonement; even if we come to situate, soon afterwards, we disjoint; when we are perplexed, we are and want to be unhindered; we deny it, but ahead we nod. I invited Michel Foucault, bell hooks, Marlucy Paraíso and other researchers to discuss sexual and gender diversity in the field of education. As part of post-critical research, this work makes theoretical-methodological approaches to sexuality, gender and the body. Not conclusive, we say of the importance of continuing debating the aforementioned themes.

Keywords: Body. Diversity. Education. Gender. Sexuality.

RESUMO

Dizem que o mundo é cheio de diversidade. Olhando de soslaio é possível ver que uno ele não é, e que a diversidade é parte do nosso cotidiano. Ao sentir inundar, exaurimos; quando tentamos nos mover, ficamos arrefecidos; aquilo que nos ultraja, torna-se desgosto; mesmo que venhamos situar, logo, em seguida, desconjuntamos; ao nos encontrarmos perplexos, somos e queremos ser desassombrados; negamos, mas à frente assentimos. Convidei Michel Foucault, bell hooks, Marlucy Paraíso e outras pesquisadoras para dialogarmos acerca da diversidade sexual e de gênero no campo da educação. Inscrito na pesquisa pós-crítica, este trabalho faz aproximações teórico-metodológicas acerca da sexualidade, gênero e corpo. Não conclusivo, dizemos da importância de continuarmos debatendo as citadas temáticas.

Palavras-chave: Corpo. Diversidade. Educação. Gênero. Sexualidade.

RESUMEN

Dicen que el mundo está lleno de diversidad. Mirando de reojo, es posible ver que él no es uno, y que la diversidad es parte de nuestra vida cotidiana. Al sentirnos inundados, nos agotamos; cuando tratamos de movernos, nos enfriamos; lo que nos insulta se convierte en expiación; aunque lleguemos a situar, al poco tiempo, desarticulamos; cuando estamos perplejos, somos y queremos ser libres; lo negamos, pero adelante asentimos. Invité a Michel Foucault, bell hooks, Marlucy Paraíso y otros investigadores a discutir la diversidad sexual y de género en el campo de la educación. Como parte de una investigación poscrítica, este trabajo realiza aproximaciones teórico-metodológicas a la sexualidad, el género y el cuerpo. No concluyente, decimos de la importancia de seguir debatiendo los temas antes mencionados.

Palabras clave: Cuerpo. Diversidad. Educación. Género. Sexualidad.

MIÇANGANDO

Sinto-me múltiplo.
(Fernando Pessoa, 1966, p. 93)

Dizem que o mundo é cheio de **diversidade**. Olhando de soslaio, é possível ver que uno ele não é, e que a diversidade, feito miçanga¹, faz parte do nosso cotidiano. Inobstante, basta sacolejar para perceber que essa diversidade, malina que é, também respira, serpenteia e mora no chão educacional: cá onde esse povo se aperreia para conhecer, aprender, pesquisar, ensinar e criar outras estripulias.

As tentativas de homogeneizar esse lugar tropeçaram, caíram por terra e deram com a cara no vão. É nesse canto de cá que estudantas² e professoras dizem das suas performatividades, expressando, cotidianamente, suas dessemelhanças. Para tentar compreender esse terreno farto, vamos investigar - problematizando, evidentemente - as questões teórico-metodológicas acerca da diversidade sexual e de gênero.

Antes, porém, é prudente lembrar que foi durante o **cenário pandêmico** perturbador da Covid-19 que minha **eu-pesquisadora** encontrava-se com minhas **outras eus**, no reverso do patacão³. No sentindo mais superlativo homonímico que possa existir. Minhas *eus* não se simplificam nem se prendem ao sentido estrito do numeral dois, porque são universos, flutuantes, constelações, diversas. São sujeitas de si mesmas, mas também de múltiplos discursos que escoam em várias direções, serpenteando em “uma relação causal com o sofrimento [e a alegria] d[a]s outr[a]s” (Butler, 2015, p. 16). Amiúde, atravessadas pelo regionalismo e a sergipanidade de Luiz Antonio Barreto⁴. Porquanto, sem bairrismo, muito menos sob a falsa ideia de que aquele lugar é melhor que tantos outros. Afinal, toda localidade possui singularidades e diversidades culturais significantes. Então, no dedilhado dessa viola, minhas *eus* vasam em incompletudes, são únicas, não centradas à decrépita razão vitoriana⁵. Em certas dimensões são multiplicativas, em outras estações se despedaçam, somam, resmungam e se avexam.

¹ Adorno feito de conta colorida de massa de vidro: pulseira de miçangas. Disponível em: <https://artsandculture.google.com> Acesso em 22 de jan. 2022.

² A norma “cult” da língua portuguesa descreve que existem dois gêneros (masculino e feminino). Ainda, diz existem substantivos que apresentam apenas uma forma para ambos os gêneros (comuns de dois gêneros). Quando isso ocorre, apenas o artigo flexiona (exemplo: o estudante; a estudante). Contudo, a escrita deste texto tem como propósito, também, fissurar a dita norma. Para além, toda escrita será feita no feminino.

³ Moeda antiga. Disponível em: <https://collectgram.com> Acesso em 30 de jun. 2021.

⁴ Jornalista e historiador sergipano, responsável por cunhar o termo sergipanidade. Disponível em <https://blogdoreginaldo.blogspot.com> Acesso em 24 de jan. 2022.

⁵ Segundo Foucault (2015a), a era vitoriana foi responsável pelo governo da sexualidade.

Sem derramar o mungunzá⁶, Butler (2015) espalha que essa “eu”, fragmentada, desintegra-se no rodopio da vida. Em outras palavras, essa “si mesma” encontra-se sempre em (des)construção num processo que corre e cai ciscando na linguagem. Minha *eu* narra a si mesma com profunda responsabilidade e irreverência, e, ainda assim, não se encontra alheia às condições sociais em que está inserida. Esse ato de narrar a si mesma, enquanto sujeita, balança como as ondas do mar, não tem fim. Portanto, ao contar das minhas *eus*, o faço não compreendendo se, de fato, sou pertencedora de mim ou se, acaso, sou minha *eu* pertencida pelo coletivo. Dito de outra forma, “não somos simples díades independentes, uma vez que nossa troca é condicionada e mediada pelas convenções, pela sedimentação das normas que são de caráter social e que exercem a perspectiva daquel[a]s envolvid[a]s na troca” (Butler, 2015, p. 23). É como se minha “eu [fosse] caçador[a] de mim” (Magrão; Sá, 1981).

Por isso, a ideia de **não sermos essência**, ou seja, não nos compreendermos como algo pré-moldado, pronto. Como dito, essa inessencialidade é, contudo, produto inacabado da nossa eu, atravessada pela linguagem e que se agencia sobre nós por meio de efeitos fabricados em nossas relações sociais. Desse modo, quando exponho minha diversidade, também o faço à condição da linguagem que me constrói nas relações com outras sujeitas. Eis, então, a **minha incompletude**; o meu, o nosso despossuir. **Desposso-me**, portanto, pela incapacidade de me tornar conclusa.

Todo este matolão⁷ é, por certo, uma tentativa aperreada de buscar desatinar e se aproximar do ensinar-viver-aprender mais pedagógico possível. Afinal, “uma metodologia de pesquisa é sempre pedagógica porque se refere a um como fazer [...] como conduzo ou conduzimos nossa pesquisa” (Paraíso, 2012, p. 15). Duplas para dialogar entre si, várias para cavaquear com tantas outros, ouvir as diversas, observar as sedentas, fatigadas; perceber as ditas “marginais” que certas marginais não conseguem compreender, sequer respeitar: são as bestas-feras que corroem, esquartejam, escravizam as silenciadas, as negadas. Alimentam-se das angústias alheias: almas abjetas.

Nos dias presentes, minhas *eus* se perdem e se encontram às diversidades sexuais e de gênero. Afinal, somos diversas, não? Somos abundantes, múltiplas, fartas e não escamoteamos. Somos aquelas que não se pretendem nem se encaixam na cangaia sebosa do patriarcado. Somos a antítese do essencialismo, da radicalidade cromossômica enraizada no biologismo. Aquelas que, como bell hooks, vieram “a Freire com sede, morrendo de sede” (Hooks, 2013, p. 50). É desse modo que nossas *eus* se achegam a Michel Foucault: cheias de *secura* pelo saber.

Foi dessa forma que chegamos em 2011 (início da minha caminhada como aprendiz dos estudos de gênero, sexualidade e corpo). Minha *eu* de ontem - que ainda não era as *eus* de hoje e que, possivelmente, não será as de amanhã - tem o primeiríssimo encontro com um gênero, digamos, nada convencional: pós-crítico. Era o gênero de **Stuart Halls, Joan Scott**, as quais tiveram significâncias em um espaço de tempo fatídico, esmerilhado à extrema tradição. Época em que pessoas inconformadas, como **Nísia Floresta, Patrícia Galvão** (a Pagu), **Maria Victoria Santa Cruz, Simone de Beauvoir** e tantas outras insurgissem, abriram passagens pelas correntezas acadêmicas. Ocasões díspares que geraram frutos dos quais nos fartamos ainda hoje. É o grão que “morre, nasce trigo, vive, morre pão” (GIL, 1982). Avançamos, mas não podemos deixar de espiar o deserto pretérito; **prossigamos, semeando nosso grão**.

Seguindo esse curso histórico, em uma sala lotadíssima, na cidade de Japaratuba, Sergipe, Brasil, numa manhã de um sábado ensolarado, lá estávamos eu e minhas *eus*. Inibidas, atropeladas e atordoadas com tantas palavras inatingíveis àquele momento, ao menos, para nós. Mas, “*vivinhas da silva*”. Vultosos conceitos pularam feito pipoca à nossa frente, capazes de sacudir até o *Empire State*⁸. Pensava: “*onde fui amarrar minha jumenta!*”. Nessa avalanche de

⁶ Comida à base de milho que surgiu na África. Disponível em: <https://g1.globo.com> Acesso em 23 de abr. 2022.

⁷ Espécie de sacola que guarda diversos objetos.

⁸ Um dos maiores edifícios da cidade de Nova Iorque.

palavras e expressões, repentinamente ouvi alguém bradar: “gênero precisa ser debatido na escola”. Gênero?! Mas, de que gênero estão falando? Pensei.

Minhas *eus* tinham a impressão de que estavam imersas em “um sonho medonho. Desses que às vezes a gente sonha e baba na fronha e se urina toda e já não tem paz [...]” (Chico Buarque, 1980). Tudo parecia destoar da “[...] casinha branca de varanda [...]” (Gilson, 1979), estável, que havíamos construído para morar. As falas sobre sexualidade percorriam aquele ambiente quente feito os *pliés* e *jetés* da estonteante Ana Botafogo⁹. Eram narrativas desviantes que se alinhavam aos dizeres sobrepostos ao lícito e ilícito de Foucault (2015a). Não existiam barreiras, porque as presentes haviam rompido, em parte, com as práticas regulatórias da linguagem. No entanto, aquelas palavras rasgavam meus átrios, os sentidos e penetravam à divisão da minha alma e do meu espírito. Meu corpo estrebuchava.

Atravessado essa ponte, minhas *eus* - repletas de consumições, esfomeadas por saber - resolveram espriar-se no querer-aprender de Paraíso (2016), bem como na vontade de saber foucaultiano. Lançaram-se, então, ao mestrado em 2014. Novos ares e tantos encontros possibilitaram outros fascínios. Enfim, a rapadura¹⁰ dos estudos de gênero havia adocicado e apurado meu paladar.

Mas, como popularmente se diz, nem tudo são flores. Espremida pelo tempo, encurralava-me entre leituras, análises e escritas. Afinal, a sacrossanta qualificação havia derramado sua mirra sobre nossos pés. Estômago embrulhado, olhos vidrados, taquicardia e hiperidrose eram alguns efeitos que tilintavam ao ouvir a tenebrosa palavra.

Se o sorriso aformoseia o rosto, então, prontamente, passei a deduzir que, naquele instante, minhas *eus* tomaram as formas das carrancas que separam as águas do rio São Francisco, na linda cidade de Propriá, Sergipe, Brasil. Um silêncio aterrador se instalou no interior das minhas *eus*, enquanto burburinhos corriam pela sala de aula do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS), anunciando que as marés pareciam revoltas.

Dizem que as **palavras são sementes**. Então, naquele dia, dia da qualificação, minhas *eus* ouviram palavras duras, que acabaram as ferindo, machucando-me. Nem todas - com baús de conhecimentos - sabem encarar a outra com humanidade e habilidade. Pavoas misteriosas e acadêmicas exibiram, em público, suas estonteantes e coloridas penas, para, em seguida, pupilar voraz e venenosamente. Talvez o tempo as ensine sobre empatia. Contudo, se aquelas sementes pretendiam ganhar fôlego, num golpe certo dei-lhe uma facçãozada e as vi, arfante, estrebuchar no piso frio do corredor da UFS. Foi assim que pus fim a qualquer raiz de amargura. Então, foi-se a manhã e a tarde daquele dia.

Para minhas *eus*, duas ou três semanas foram suficientes para recuperar o fôlego, arquear o peito, refazer o trabalho que fora lançado ao chão e prosseguir. Mas, minhas *eus* sem medo confessam: as mágoas foram lançadas ao mar do esquecimento. Então, escolhemos ver o luar do sertão. Porém, o novo amanhecer surgiu dividido entre sóis e nuvens. A graça do doutorado fazia cabo de guerra com a feiura pandêmica da Covid-19 e a assombração do pandemônio¹¹. Então, outras e novas *eus* precisavam, nessa esturricada terra sertaneja, brotar.

Então, foi por trás daquela brisa mansinha que pude compreender quão bela ela era. Quando a vi passar, varinha de condão, deu sumiço a minha fala. Não sei se a escolhei ou se ela me abraçou. Sei apenas que ela, a diversidade, está em todas nós. Não é possível se desprender dela. Foi dessa forma traquina que acoitei a ideia de que “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (Saint-Exupéry, 2009, p. 72).

⁹ Ana Maria Botafogo Gonçalves Fonseca, conhecida como Ana Botafogo, é uma renomada bailarina brasileira (QR CODE no Apêndice III).

¹⁰ Doce de origem açoriana em forma de blocos, feita a partir da cana de açúcar. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br> Acesso em: 28. Jun. de 2021.

¹¹ Ler o artigo “O pandemônio e a pandemia na educação”. Disponível em: <http://aplbcastroalves.com.br> Acesso em 30 de abr. de 2022.

Escolhemos uma à outra, compreendendo e partilhando a importância e a necessidade de proporcionar a tantas outras - aquelas que ainda não compreenderam o sentido deste diálogo nem tiveram acesso às preditas temáticas - a oportunidade de experimentar a diversidade. Possivelmente, saberão que “toda tarefa de libertação é resultado do trabalho de nós mesmas sobre nós mesmas enquanto seres livres” (Castelo Branco, 2008, p. 331) e que a liberdade inicia quando começamos a desaprender o que nos foi ensinado.

Na copa dessa mata, “mesmo que a escola não abra suas portas às discussões explícitas e formalmente vinculadas a essas temáticas, ainda que certas alas políticas conservadoras queiram afastá-las e abafá-las [...]” (Oliveira; Dias, 2019, p. 493), é substancialmente impossível silenciar e negar que as diversidades sexuais e de gênero fumegam no cotidiano escolar-social. Até porque para existir o silêncio deve haver o som. No baratinado dos dias atuais, cada vez que apertam as rédeas, nasce a **coragem de romper o silêncio** “[...] num movimento de resistir apenas para existir e de poder existir apenas por se manter resistindo” (Vasconcelos; Rocha; Oliveira; Cunha; Pérez; Flores; Romero; Santos; Vieira, 2020, p. 328). Aqui, todas as formas de resistência se levantam como forças contrárias às diferentes formas de poder que circulam por meio dos discursos tradicionais.

Paradas ali, observávamos aquele objeto imenso à nossa frente. Diante de mim, aquela coisa parecia gigantesca, porém, aos olhos das minhas *eus*, reluzia feito o ouro de Serra Pelada, do Pará brasileiro. Este objeto é rio a correr, doce ao se beber, puro ao se olhar, solto a passar. Sua gigantesca expressividade fazia pairar em nós um arco-íris de temor, respeito, gozo. As letras cravadas naquele objeto dourado diziam acerca das diversidades sexuais e de gênero na educação.

Absorta ao cintilante objeto, minhas *eus* passaram a mapear os caminhos, traçar estratégias, fulgurar **ideias** que viessem **adocicar da ausência o gosto** de encontrar significantes propósitos. É, na verdade, a ideia de que “não podemos mais pesquisar do mesmo modo que, em outros tempos, investigamos em educação e em currículo” (Paraíso, 2012, p. 27). Nossas categorias de análise ganharam pasto, têm regionalidade, novas comunidades e correm na ligeireza do xaxado das Cabras de Lampião¹². Afinal, estão sempre em movimento.

Nossas *eus* pós-críticas são, adjetivamente, críticas. Fomos e somos, léguas e léguas, tocadas por Paulo Freire e suas obras de artes sociais libertadoras, ensinando que “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar [...]” (Freire, 2019, p. 85). Se há ideias libertárias em Freire e em nossas *eus*, se existem intensões, desejos, propósitos capazes de estraçalhar grilhões, então, vigorosamente, há pós-criticidade em nós.

Minhas *eus*, então, juntam-se a outras *elas*, tantas *aquelas* no carretel de linha para costurar esta metodologia miçanga. Porque sou eu, mas também somos tantas *eus*, porque queremos ouvir *elas*, aprender com *aquelas* e lançar sementes àquelas *outras*. Nossas *eus*, aqui aprumadas, não se conformam ao narcisismo acadêmico, mas pretendem-se, aproximam-se das *outras*, *daquelas*, das *demais*. Supostamente rebuscamos à letra, no entanto, simplificamos no dia a dia e queremos ser “[...] comunicada numa conversa cotidiana” (Hooks, 2013, p. 90) para alcançar as *outras* que aqui não se encontram. A metodológica miçanga arvora-se às mais intensas subjetivações pós-críticas freirianas possíveis, porque se despem das amarras das teorias críticas, vestem-se das pós-críticas, para, simplesmente, harmonizar. Dizemos com isso - eu e minhas *eus* - que nos encontramos em um lugar de não convicção. Lugar flexível, fluído, não fixo. Esse sítio permite-me ir e vir. Possibilita-nos transitar livremente (Santos, Santos & Dias, 2022; Menezes, Dias & Santos, 2020; Cardoso & Dias, 2017; Dias et al., 2017).

As nossas *eus* teórico-metodológicas não buscam seus interesses, não folgam com a injustiça e, sem devaneio, dão um nó cego na ideia de que “a injustiça em qualquer lugar constitui uma ameaça à justiça em toda parte” (King, 2014, p. 141). Ciente do ativismo-

¹² Grupo de xaxado, grande divulgador dessa dança típica do nordeste brasileiro. No Apêndice XV está disponível o QR CODE com outras informações sobre o citado grupo.

acadêmico de *Martin Luther King*, bell hooks (2013), dialogando, diz que “a teoria nasce do concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana, de meus esforços para intervir criticamente na minha vida e na vida de outras pessoas” (Hooks, 2013, p. 97). É assim que as diversidades sexuais e de gênero possuem essa coisa especial: só precisamos olhar no fundo do alforje para encontrá-las.

Nossas *eus*, nesse contexto, não radicalizam porque não estão seladas nem fixadas em termos, mas correm, deslizam facilmente e dispensam densidades. Minhas *eus* pós-críticas apreendem as *elas* críticas de hegemonia, emancipação, por exemplo, e as ressignificam. Somos, na verdade, híbridas, no sentido mais linguístico possível da palavra. Nossa pós-criticidade distancia-se do narcisismo para, logo ali, vociferar que o pós nosso de cada dia não compactua com a tentativa de inferiorizar ou superlativar aquilo que se diz crítico. Portanto, não se trata de fixar o termo como essência, mas compreender os sentidos e efeitos advindos daquele.

Entretanto, as *minhas* e as *nossas* pós-críticas não fazem aliança às premissas cartesianas, muito menos vivem psicopaticamente à procura de uma verdade primeira, absoluta. Esses *fantasmas*, como bem adjectiva Silva (2000), não mais nos incomodam. Assim, a dificuldade de cingir a heterogeneidade das vertentes pós-críticas encontra-se apenas na cabeça de certas pesquisadoras, ao insinuarem que o pós-crítico tripudia ante o crítico. O Pensamento da Diferença, Estudos *Queer*, Multiculturalismo, Estudos de Gênero e tantos outros declamam às nossas *eus* que a relevância está nos “efeitos combinados dessas correntes que chamamos teorias, abordagens ou pesquisas pós-críticas” (Paraíso, 2012, p. 17). Que estes produzam em nossas *eus* e em outras *elas* e *aquelas* uma nova visão de mundo. É dessa forma que nossas pesquisas são alinhavadas, pois nada é definitivo.

Para mergulharmos nos rios de outras *eus*, meu *eu* precisa dialogar com diversas *aquelas* teóricas. São estas que fornecem chaves que abrem portas epistêmicas, ensinando-nos “que a teoria pode ser um lugar de cura” (Hooks, 2013, p. 85). Cientes, porém, que a teoria não possui em si a capacidade plena de produzir cura e libertação, apenas “cumprir essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim” (*Ibid.*, 2013, p. 86). Assim, é o nosso querer, nossa agência que, associado ao dito, à teoria, configura o efetuar. Afinal, é necessário existir tanto o querer quanto o efetuar.

Foi e continua sendo assim que nos achegamos desesperadamente à teoria - assemelhando-nos à bell hooks (2013) - buscando compreender tanto as nossas *eus* interiores quanto as que estavam ao nosso redor. Todavia, temos a leve impressão de que não somos escravas do termo, porque não é a posse deste que gera vida à prática. Podemos, portanto, levar a efeito o termo sem, sequer, conhecê-lo. Isso não significa negar o termo, mas, ao contrário, utilizá-lo como facilitador do entendimento, não como condição primeira e única do nosso exercício e ação diários.

As águas que jorram das fontes que estavam e estão à nossa frente, em cima, ao redor, embaixo têm saciado nossas *eus*. **Límpidas, deliciosas, revigorantes**, inundam-nos para, depois, encharcar outras *eus*, *elas*, *aquelas*. Mananciais foucaultianos que desembocam em Paraíso, despejam em Guacira Lopes Louro, banham *Judith Butler*, *Paul Preciado* e desaguam em tantos rios teóricos.

Como dito, não queremos a verdade cartesiana, porque esta não tem mais serventia às nossas formas de pesquisar e anda encangada com o passado. Ela é una, fabricada por meio dos discursos essencialistas. Esse rigor-racional-fixo nos inscreve insano, pois “[...] o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros; pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância” (Foucault, 1970, pp. 10-11). A verdade de outrora se esvaiu, mas, mesmo empoeirada, circula, comove e captura diversas *outras*, tantas *elas*. Se possível, cooptaria até as da casa (as pós-críticas), conduzindo-nos às velhas *eus*. Se espiarmos direitinho, essa gasturenta verdade anda solta, perambulando no miolo de muita gente desmiolada.

Abaixo dessa linha do Equador, vamos - eu e minhas *eus* - ziguezagueando por aqui, acolá, como brinca Paraíso (2012). Ao sentir inundar, **exaurimos**; quando tentamos nos mover, ficamos **arrefecidos**; aquilo que nos ultraja, torna-se **desagravo**; mesmo que venhamos situar, logo, em seguida, **desconjuntamos**; ao nos encontrarmos perplexos, somos e queremos ser **desassombrados**; negamos, mas à frente **assentimos**.

É desse modo sutil que os olhos meus se alvoroçam para contemplar, mas também resistir aos currículos que passeiam e dançam nas escolas brasileiras e ao redor do mundo, “afinal, os currículos-generificados têm produzido tristezas demais, têm classificado demais, dividido e hierarquizado demais” (Paraíso, 2016, p. 23). Minhas *eus*, então, aborrecidas com as cachoeiras regulatórias, buscam, aqui, dizer às imensuráveis *aquelas, elas* o quanto precisam abandonar essas fumaças curriculares que tanto sufocam e fazem adoecer.

Embaixo dessa grotta, entrelaçada nessas prosas, não é necessário andar muitas milhas para que o cocuruto perceba que o currículo é um campo de batalhas. Nesse campo as lutas são terríveis: fazem sangrar, causam angústias e desesperos, entristecem. Mas, é também nesse campo que as resistências são (re)organizadas, as estratégias são (re)reformuladas, as lágrimas são (re)significadas. **Vertemos ao presenciar tanta bestialidade**, estupidez e falta de amor. As feridas, por certo, deixam marcas. Contudo, não podemos permitir que elas tornem-se raízes de amargura e que nos façam reféns de tanta ignomínia.

Eis que vem a hora e já chegou. Batendo à porta da frente, o tempo-agora declara que “o currículo-performatividade quer construir uma linguagem de escape; quer aprender do que é dito e feito para subverter e pensar possibilidades de aprender” (Paraíso, 2016, p. 23). Assim como Joseph Jacotot - descrito por Jacques Rancière (2007) - provocou o pensamento tradicional da época, nossas *eus* querem se desvencilhar desse mundo tão desigual e dizer que “a parábola de um mundo dividido entre espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos” (Rancière, 2007, pp. 23-24) não passa de um mito pedagógico. Sobre o fio desta navalha, Meyer estapeia “as teorizações que prometem conhecer e explicar “a” realidade em uma perspectiva totalizante, para depois prescrever medidas e ações de intervenção homogêneas e, também, universalizantes” (Meyer, 2012, p. 50).

Contrariando essa objetividade prescritiva, nossa pós-criticidade desarmoniza para, após, num rodopio, harmonizar. A lógica dualista da explicação, do ensinar sem, sequer, aprender, então, hierarquiza causando embrutecimento. Assim, passamos, portanto, a levemente compreender a respeito dos trabalhos que são frequentemente deslegitimados nos círculos acadêmicos por fugirem ao padrão hegemônico, mesmo sendo trabalhos que promovam a prática feminista (Hooks, 2013). Simétricas, coniventes com Jacotot, minhas *eus* - discordantes do sistema explicador, pautado na ideia de duas inteligências - abraçam a propulsora vontade de saber. Sentam-se ao lado de Foucault para ouvi-lo.

Se caminho pelas ruas, lá está. Se me aligeiro nos calçadões, encontro-a. Nos bares, escolas, praias, também. Ao orar nas igrejas, contemplo-a. Ao lado de amigas, entre outras não tão amigas, aparece¹³. Em frente à TV, nas aulas remotas, no frenesi do aparelho celular, vejo-a. Onipresente, faz gosto se mostrar. Nosso mundo multifacetado pariu a diversidade feito as feiras livres de Itabaiana, Sergipe, Brasil. Podem até tentar silenciá-la; ela encontra subterfúgios e escapa. Negam-na, contudo, não a tornam invisível.

Tantos e quantos dizeres sobre as diversidades sexuais e de gênero serão oportunizados, operados, experienciados. As falas falarão - como o perdão do pleonasma - a respeito das suas *eus* e, quer saber: “chega de um conhecimento sobre [a] outr[a] sem [a] outr[a]” (DIAS, 2020, p. 339). Dirão, também, das e sobre outras *elas, daquelas* outras. Minhas *eus* apenas desejam que as diversas *elas*, simplesmente, falem. Minhas *eus* não sabem, mas querem tentar compreender.

¹³ Estas ações não foram realizadas durante o momento pandêmico que vivemos.

As vozes das diversidades sexuais e de gênero possibilitarão que nossas *eus* vejam e analisem quais saberes são produzidos e ensinados às estudantes, na atualidade; que tensões, contradições, intenções são visibilizadas quando as diversidades sexuais e de gênero emergem; quais conhecimentos estão sendo gerados nas salas de aula; quais oposições e subversões estão sendo produzidas; e, por fim, querem compreender como operam as divergências e/ou convergências quando essas categorias se cruzam com outros saberes.

Queremos - eu e minhas *eus* - que os corpos *delas* nos reservem surpresas, façam-nos abundar, encontrar elos. Permitam-nos voar na ciência da leveza para compreender que, “nas pesquisas no campo do imaginário, encontrar metodologias subtece-se criá-las, usar e abusar da bricolagem, brincar - com licença poética [...] E, então, entregar-se aos ventos da surpresa” (Oliveira; Silva, 2016). A cientificidade não se encontra distante nem alheia à poética e à sensibilidade, já que nossas pesquisas são realizadas com, sobre e para pessoas. Estas, por sua vez, são dotadas de sentimentos, poesias, espiritualidades, desejos, erotismos.

Nossas *eus*-metodológicas-pós-críticas não surfam às águas da causa-efeito das ciências exatas. Por certo, “*cuando el objeto de investigación es el ser humano, complejo y produto de sus circunstancias, personalidad, momento evolutivo, historia anterior, acontecimientos actuales... todo se vuelve más difícil*” (Gómes, 2015, p. 153). No ronco desse trovão, investigar e analisar é mergulhar em complexidades. Sentados nesse arado, nossas *eus* avistam e entendem que a pesquisa em educação não está limitada em associar o quantitativo ao qualitativo, apenas. Não se demora, somente, em contemplar dados, mas alastra-se explosivamente, abrindo possibilidades para analisá-los, problematizá-los.

Judith Butler (2019) cingiu a performatividade em tantas e outras *eus*, *elas*, *aquelas* a ponto de por gênero de ponta-cabeça. Então, as *eus* de Butler compreendem muito bem que a materialidade dos corpos é atravessada por práticas discursivas fabricadas por meio de forças regulatórias. Estas, por sua vez, funcionam como uma espécie de poder produtivo, fazendo com que o poder seja aceito e mantido, bem como produza coisas, induza ao prazer, forme saber e fabrique discurso (Foucault, 2015b). Varando a madrugada, enquanto os olhos não adormecem, **minhas *eus* ouvem e tentam aprender o que as *eus* de Butler querem nos ensinar**. Dizem elas que a materialização do sexo se desenrola subjetivamente e, sorratamente, não se vê completa, inteira. Contudo, como a *Rip Ride Rocket*¹⁴, desliza indo e vindo freneticamente. Esses *loopings* rematerializantes voltam-se a si e põem em flutuação a força hegemônica da força regulatória.

Como dito, nossas *eus* querem ouvir, saber, compreender as interlocuções de tantas *elas*: “quem fala, o que, para quem? Como se fala com e para [a]s diferentes sujeit[a]s a serem interpelad[a]s, em quais circunstâncias e condições? Com que efeitos, para quem?” (Meyer, 2012, p. 52). As diversidades sexuais e de gênero que espraíam nesses efeitos.

Nossa metodologia (pós)crítica - a que aplicamos aqui - vai “[...] por dentro da chuva, pelo meio de um oceano, sem guarda-chuva, sem barco” (OLIVEIRA, 2012, p. 279), colocando as *elas*, minhas *eus*, as *aquelas* e tantas *outras* à mesma cena. Estamos todas envolvidas nesse cenário e não pode existir **variação de sombras**.

CONCLUSÃO

Tendo em vista as principais discussões, depreende-se, então, a importância da avaliação e dos estudos relacionados ao hipertexto e a seu uso pedagógico. Vivemos em uma sociedade, como foi demonstrado pela pesquisa divulgada pela BBC News, em que o uso dos aparelhos tecnológicos, mesmo havendo extremas desigualdades, já está disponível para muitas pessoas. No entanto, é um país, como foi apresentado pelos dados, que ainda precisa intensificar mais a educação digital. Sobre isso, avaliar a “presença” pedagógica do hipertexto é

¹⁴ Brinquedo conhecido popularmente como montanha russa, localizado no *Universal Studios Florida*, em Orlando, Florida, EUA.

um importante caminho. Com as modernizações, ler, produzir textos, compartilhar informações são atividades comuns nos meios digitais, o que possibilita maior divulgação de conhecimentos, mas exige novas maneiras de lidar com isso.

Diante das discussões propostas neste trabalho sobre o hipertexto, percebemos como os autores renomados da área reconhecem a inovação e os desafios que se envolvem com ela. Consideramos necessário desenvolver novos estudos sobre o assunto e verificar o uso do hipertexto não só em linguagens, mas também em outras áreas do conhecimento com o intuito de fortalecer o domínio das informações, principalmente no mundo digital.

Acreditamos na necessidade desse domínio para a atualidade, pois não podemos banalizar os problemas apresentados pela falta de habilidade no uso do hipertexto. Como afirmado, o hipertexto se fortaleceu na rede digital, exigindo esperteza do leitor em tela. Como afirma Xavier (2010), “a nova ordem tecnocrata institui como necessária e impreterível a aprendizagem desta recente tecnologia de escrita pela qual transitam e transitarão, daqui por diante, os textos/discursos” (p. 219).

Sob esse aspecto, destacamos a necessidade de sempre refletir sobre o bom uso das tecnologias em especial no âmbito educacional, tendo em vista a grande necessidade de formarmos indivíduos críticos e com conhecimentos úteis para o atual desenvolvimento social, que, como afirmou Schuab (2016) está marcado por inovações tecnológicas capazes de alterar o comportamento social.

Conforme as observações de Schneider e Carvalho (2018) sobre os motivos que ainda influenciam o mau uso das tecnologias, há a necessidade de uma educação guiada pelos avanços digitais e não “abandonada” por eles, a qual pode impulsionar as competências intelectuais e o protagonismo na sociedade. Nas palavras dos referidos autores:

Somente a educação desenvolvida com atualidade e com a qualidade de lhe conferir a eficácia que permita ao homem utilizá-la com propriedade, isto é, com conhecimentos úteis e aplicados de maneira contextualizada, é o principal vetor da liberdade intelectual do homem. (p. 16)

Desse modo, para encarar o “dilúvio” sem fim apresentado por Lévy, precisaremos reconhecer a importância e necessidade de termos mais destrezas diante das novas tecnologias e do que foi alterado por elas. Lidar bem com o hipertexto é essencial para compreendermos bem a coerência das informações conectadas e para potencializar nosso conhecimento diante do que está sendo apresentado na rede, tendo, como afirmado por Xavier (2010) mais protagonismo na constituição do saber. Portanto, acreditamos que os dados bibliométricos apresentados neste trabalho possam ser úteis para intensificar as pesquisas e as discussões sobre o tema e seu papel pedagógico, com o intuito de esclarecer ainda mais essa grande rede de informação proposta por Theodor Nelson.

AGRADECIMENTOS: Não aplicável.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: **Anselmo Lima de Oliveira:** concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo. **Alfrancio Ferreira Dias:** revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

Butler, J. (2015). *O relatar de si mesmo. Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica.

Butler, J. (2019). *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições.

Sá, L. C., & Magrão, S. (1981). *Caçador de mim*. (CD). Brasil: Philips.

Silva, G. V. (1979). *Casinha Branca*. (LP). Brasil: Top Tape.

Castelo Branco, G. (2008). Atitudes-limite e relações de poder. In A. D. Veiga-Neto, A. Souza Filho & D. M. Albuquerque Júnior (Orgs.). *Cartografias de Foucault* (pp. 202-216). Belo Horizonte: Autêntica.

Cardoso, H. de M., & Dias, A. F. (2016). Representações sobre corpo, gênero e sexualidades de estudantes das licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, campus Aracaju. *Práxis Educacional*, 13(24), 76-94.
<https://doi.org/10.22481/praxis.v13i24.930>

Dias, A. F. (2020). Escrivências trans como potência. *Revista FAEEBA*, 29(59), 329-344.

Dias, A. F., Cardoso, H. M., Santos, A. L., Menezes, C. A. A., & Rios, P. P. S (2017). Schooling and subversions of gender. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 10(22), 83-92.

Gil, G. (1982). *Drão*. (CD). Brasil: WEA Discos.

Foucault, M. (1970/1996). A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, M. (2015a). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra.

Foucault, M. (2015b). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2019). *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Gómes, M. C. A. (2016). La Investigación Educativa a Debate: hacia una nueva forma de investigar. In: D. A. Feitosa (Org.), *O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação*. (pp. 153-170). Bahia: UFRB.

Hooks, B. (2014). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes.

King, M. L. (2014). *A autobiografia de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zahar.

Meyer, D. E. (2012). Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In D. E. Meyer, & M. A. Paraíso (Orgs.), *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação* (pp. 47-61). Belo Horizonte: Mazza.

Menezes, C. A. A., Dias, A. F., & Santos, M. de S. (2020). What pedagogical innovation does queer pedagogy propose to the school curriculum?. *Práxis Educacional*, 16(37), 241-258.
<https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i37.6168>

Buarque, C. (1980). *Não sonho mais*. Brasil: Polygram/Philips.

Oliveira, A. L., & Dias, A. F. (2019). Discursos de gênero, corpo e sexualidade no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. *Revista e-Curriculum*, 17(2), 492-512.

Oliveira, T. R. (2012). Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. In D. E. Meyer, & M. A. Paraíso (Orgs.), *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação*. (pp. 279-303). Belo Horizonte: Mazza.

Oliveira, V. F, & Silva, M. (2016). Em defesa da leveza, do sensível e da sensibilidade na pesquisa em educação. In D. A. Feitosa (Org.), *O sensível e sensibilidade na pesquisa em educação*. (pp. 45-70). Bahia: UFRB.

Paraíso, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In D. E. Meyer, & M. A. Paraíso (Orgs.), *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação* (pp. 15-22). Belo Horizonte: Mazza.

Paraíso, M. A. (2016). Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. *Revista Linha*, 17(33), 206-237.

Pessoa, F. (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa: Ática.

Rancière, J. (2007). O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Saint-Exupéry, A. (2009). O pequeno príncipe. Rio de Janeiro: Agir.

Silva, T. T. (2000). Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In T. T. Silva, Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras (pp. 11-21). Belo Horizonte: Autêntica.

Santos, D. L. L. dos, Santos, T. C. B., & Dias, A. F. (2022). Entre encruzilhadas e trincheiras: uma análise da escrevivência transmasculina a partir do poema “Trans-parto”. *Práxis Educacional*, 18(49), e10896. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v18i49.10896>

Vasconcelos, M. F. F., Rocha, Y. A. M., Oliveira, S. R. S., Cunha, V. G., Pérez, M. S., Flores, E. C., Romero, L. M. K., Santos, S. F., Vieira, T. P. S. (2020). Mulheres e Mariscagem: invenções de si no (in) mundo mangue. *Psicologia em Revista*, 26(1), 325-345.

Recebido: 3 de março de 2022 | **Aceito:** 12 de maio de 2022 | **Publicado:** 30 de maio de 2022



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.